

A VIDA ANIMAL SOB LENTES URBANAS

Ana Clara Parpinelli





Este livro foi produzido como trabalho de
conclusão de curso para o curso de
Jornalismo na Universidade de Ribeirão Preto

Ana Clara Parpinelli

**A VIDA ANIMAL
SOB LENTES
URBANAS**

1º Edição

**Ribeirão Preto
2025**

APRESENTAÇÃO

Este fotolivro nasce de uma investigação que buscou revelar como os animais urbanos de Ribeirão Preto: cães, gatos, cavalos e outros de grande porte, aparecem no cotidiano e, sobretudo, na mídia local. A presença deles nas ruas, muitas vezes naturalizada, expõe uma convivência marcada tanto pela negligência quanto pela solidariedade.

Ao analisar 60 notícias publicadas entre 2022 e 2024 nos principais portais da cidade, identifiquei um padrão evidente: enquanto os cães dominam a cobertura jornalística e são envolvidos em narrativas de afeto e comoção, gatos, cavalos, vacas e burros aparecem principalmente como “riscos”, “obstáculos” ou “problemas públicos”. Essa diferença na forma de contar suas histórias revela muito sobre como hierarquizamos o sofrimento animal e sobre quem merece, ou não, nossa atenção.

Para além da análise midiática, percorri bairros, feiras de adoção, terrenos abandonados e espaços públicos onde esses animais vivem, sobrevivem ou são acolhidos. Conversei com moradores, voluntários e protetores; acompanhei rotinas de cuidado, histórias de resgate e também situações marcadas pelo abandono.

Meu objetivo é que estas imagens e relatos provoquem reflexão, convidando o leitor a enxergar os animais urbanos não como parte da paisagem, mas como vidas que dividem conosco a cidade, e que merecem cuidado, voz e dignidade.

ABANDONO

A vida dos gatos esquecidos na Adolfo Zeo





A vida dos gatos esquecidos na Adolfo Zeo

Julho de 2025

Quando o sol começa a cair sobre a Rua Adolfo Zeo, ao lado de uma universidade particular, no bairro Ribeirânia em Ribeirão Preto, o asfalto quente começa a ganhar vida. De todos os cantos- das casas, das empresas, dos bueiros, debaixo dos carros- surgem olhos que brilham na penumbra. Em poucos minutos, são dezenas. Sessenta, talvez mais. São os gatos da rua, moradores de um endereço que já desistiu de pedir socorro. A semelhança com o musical Cats é inegável.

Ali, o abandono se multiplica como se o tempo não passasse. “É um trabalho de formiguinha”, conta uma das voluntárias que alimenta os animais todos os dias, que preferiu não se identificar. Além dela, uma idosa também auxilia

em outro horário com o cuidado dos animais. As duas trazem ração, repõem água e improvisam casinhas de papelão para os felinos que ninguém quis.

As crianças que saem da aula de futebol ao lado nem sempre veem os gatos com o mesmo olhar. “Já vi criança chutando gato”, diz a voluntária, com um misto de tristeza e cansaço. “E quando a gente chama atenção, os pais ficam bravos.” A cena se repete diariamente, entre o descaso e a indiferença. A prefeitura já recebeu pedidos de instalação de lombadas e de controle populacional, mas, até agora, nada foi feito. As ONGs de proteção animal tentam ajudar, promovendo mutirões de castração, mas é pouco diante da quantidade.





Enquanto tirava as fotos, duas famílias saíam da universidade incomodadas. Uma das mulheres resmungou alto: “Não para de brotar gato, não tem nem onde pisar!”. O comentário ecoou como uma ironia dolorosa, como se o incômodo fosse a presença dos gatos, e não o abandono que os trouxe até ali.

A rua Adolfo Zeo, em suas calçadas estreitas e ladeiras sem lombadas, se tornou um retrato de abandono urbano, não só dos animais, mas da própria empatia. Mesmo assim, ao entardecer, a voluntária sempre volta. Carrega sacos de ração e esperança. “Eles esperam a gente. Às seis horas, é impressionante, todos aparecem”, diz ela, sorrindo discretamente.

Na cidade que reclama dos gatos, ainda há quem os chame pelo nome.











O silêncio do abandono de cavalos nas ruas de Ribeirão Preto

Março de 2025

Nos bairros mais afastados de Ribeirão Preto, a cena é tão comum que já não causa espanto: cavalos vagando sozinhos por canteiros, ruas e terrenos baldios. São animais grandes, de olhar cansado, que se tornaram parte do cenário urbano, como postes, praças ou o próprio descuido que os cerca.

No bairro São José, também na Zona Leste, dois cavalos dividem um canteiro público. As cordas amarradas ao pescoço, o chão de terra batida, a comida escassa. Dormem sob o sol e a chuva, sem cobertura, cercados por carros que passam apressados. A água, segundo os moradores, é colocada diariamente pelo dono. Mas o resto é deixado à sorte. “Eles ficam ali presos”, conta um morador, que não quis se identificar, apontando

para o canteiro. “Um deles ficava em um terreno com outro que morreu há um tempo, por falta de cuidado. O que ficou sozinho, veio para cá fazer companhia para o outro”

Na Zona Leste, no bairro Ribeirão Verde, a situação não é diferente. Lá, é comum ver cavalos pastando nas praças, comendo lixo ou cruzando as avenidas como se o asfalto fosse pastagem. Em uma das visitas de campo, a cena se repetiu: um grupo de cavalos caminhava lentamente entre os carros, desviando de entulho e obras. “Eles ficam soltos sempre”, diz Maria Alice Ataidés, designer gráfica, moradora do bairro. “Às vezes somem, mas sempre voltam. A gente sabe que têm donos, mas ninguém tem coragem de pôr a mão. Eles comem lixo, quase causam acidente. Aqui é meio terra de ninguém.”





O relato ecoa na zona Oeste, próximo a USP, de Ribeirão Preto, onde os animais também circulam livremente. “A gente já denunciou várias vezes”, explica Sofia Pompeu, funcionária do local. “Eles somem por uns dias, mas depois voltam. Dá pra ver que têm dono, porque todos têm corda no pescoço. Mas cuidado, mesmo, não tem nenhum.”

Essas histórias fazem parte de uma rotina silenciosa, em que o abandono se confunde com o hábito. A cidade aprendeu a conviver com os cavalos soltos, como se fossem inevitáveis. E, nas manchetes, eles aparecem apenas quando provocam acidentes, como se fossem culpados por estarem no lugar errado. Durante a pesquisa para este trabalho, ficou evidente a diferença na forma como a mídia local trata os animais. Enquanto cães e gatos são retratados com compaixão e empatia, os cavalos surgem como “problema público”, não como vítimas de descaso. São mencionados como risco de trânsito, perigo urbano, obstáculos. Pouco se fala de dor, fome ou solidão.



Mas basta olhar de perto. Nos olhos desses animais, nos ossos aparecendo e na pele machucada, há a expressão de um pedido silencioso por cuidado. São cavalos que serviram, trabalharam, carregaram peso e agora vagam esquecidos, entre o asfalto quente e a grama seca de um canteiro público. Entre o útil e o descartável, os cavalos de Ribeirão Preto revelam uma cidade que não aprendeu a enxergar o animal como sujeito. E o silêncio deles, sob o sol do interior paulista, diz mais do que qualquer buzina.



Cabras na pista: o trânsito inusitado da Avenida Brasil





Cabras na pista: o trânsito inusitado da Avenida Brasil

Abril de 2025

O relógio marcava pouco depois das dez horas da noite quando o trânsito na Avenida Brasil, Zona Norte de Ribeirão Preto, começou a desacelerar. Motoristas reduziram a velocidade e os olhares curiosos se voltaram para o meio da pista, lá estavam elas: cerca de vinte cabras, caminhando em fila irregular, cruzando a via como quem atravessa um pasto imaginário.

As cabras pareciam à vontade. Paravam em frente ao ponto de ônibus, beliscavam o mato ralo do canteiro central, e algumas se aproximavam dos galpões industriais tão presentes na paisagem daquela região. Os animais se mantinham indiferentes às buzinas e celulares apontados para registrar a cena.

“Essas cabras têm dono”, contou Alda Muniz, aposentada e moradora antiga do bairro Vila Mariana, onde as cabras transitam em outras horas do dia. “Às vezes elas ficam presas em terrenos abandonados aqui do bairro, mas depois são soltas para pastar. Estão sempre na rua.”

A naturalidade com que dona Alda fala contrasta com o absurdo da situação. A presença desses animais em plena avenida não é apenas curiosa, é também uma infração. A Lei Municipal nº 8.226, de 16 de outubro de 1998, determina, em seu artigo 6º, que “é proibida a permanência de animais soltos nas vias e logradouros públicos ou locais de livre acesso ao público”. Ainda assim, a prática persiste, revelando um cenário de descuido e falta de fiscalização.





Enquanto eu fotografava, as cabras avançaram novamente para o asfalto. Um motorista freou bruscamente, buzinou, e o som ecoou alto. Por pouco, um atropelamento não transformou aquela imagem pitoresca em tragédia. A cena se repete com frequência. As cabras andam em grupo, desaparecem por alguns dias e voltam, sempre famintas, em busca do verde escasso que cresce entre as rachaduras do concreto. O bairro as conhece pelo hábito e pela insistência, mas ninguém parece saber ao certo quem as solta, nem por quê.

No cruzamento entre a vida urbana e o instinto rural, elas caminham em meio a uma cidade que ainda não encontrou equilíbrio entre o campo e o asfalto. Cabras que deveriam pastar em terrenos próprios, mas que agora disputam espaço com carros e pedestres, um retrato silencioso de como o abandono também pode ter dono.





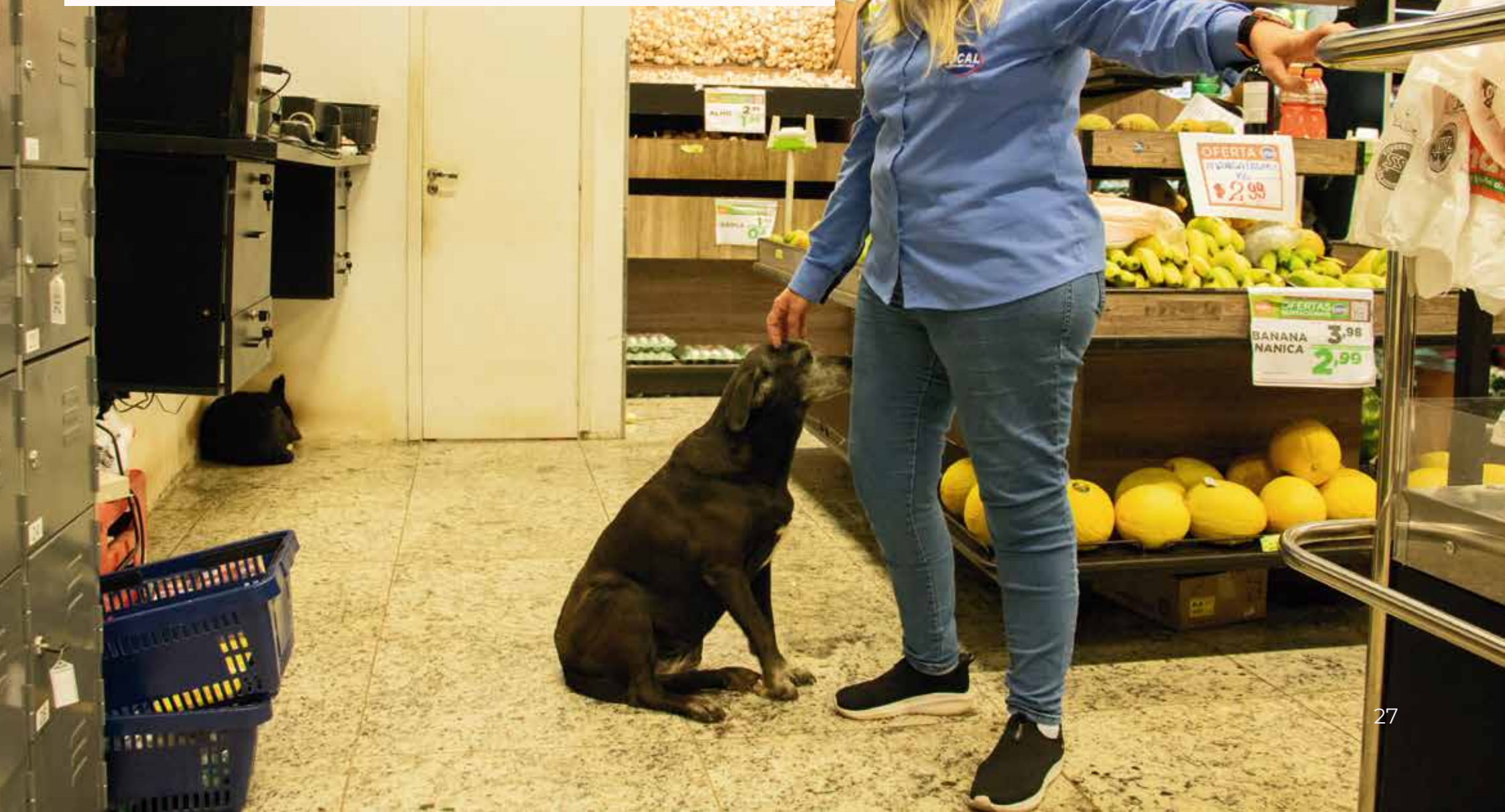
ALMA SE
MAYOR 524

ZIN
H X GH



ADOÇÃO

Entre as prateleiras e afetos: a história de Pipoca e Terá, as cachorras do mercado





Entre as prateleiras e afetos: a história de Pipoca e Terá, as cachorras do mercado

Julho de 2025

Na beira da Rodovia Anhanguera, no km 306, entre o entra e sai apressado de clientes e o barulho dos carrinhos de compra, duas figuras silenciosas e fiéis conquistaram um espaço de permanência. Terá e Pipoca, conhecidas pelos frequentadores do mercado como as “moradoras oficiais”, não pertencem a ninguém, mas pertencem a todos.

Há três anos, elas acompanhavam diariamente o funcionário de uma transportadora vizinha. Ele vinha ao mercado buscar comida para os motoristas e as cachorras o seguiam, sempre atentas. Com a morte inesperada do trabalhador, esperava-se que as duas partissem. Mas elas ficaram. Como raízes invisíveis, criaram vínculos com o lugar.



Hoje, são os próprios funcionários que assumem o papel de guardiões. “A gente faz uma vaquinha pra comprar ração e o que mais elas precisam”, conta Silvia Meltz, uma das colaboradoras. Clientes também entram na corrente de cuidados: oferecem salsichas, brinquedos improvisados e até uma manta que aquece as noites frias.

À noite, Terá e Pipoca são recolhidas ao banheiro do mercado, não por falta de acolhimento, mas para que o sistema de alarme não seja disparado. Durante o dia, circulam pelo estacionamento e recepcionam clientes com olhares que misturam confiança e curiosidade. Pipoca, a menor, é pura energia; Terá, chamada carinhosamente de “neguinha”, carrega a serenidade de quem já viu o tempo passar.





A narrativa dessas duas cadelas poderia ser apenas mais um caso de abandono ou de animais errantes em espaço urbano. Mas, neste mercado, a história se transformou em algo diferente: uma trama de resistência e afeto coletivo. Entre o concreto da rodovia e o tilintar dos caixas, a permanência delas reconfigura o espaço urbano. Mais que mascotes, são símbolos de uma coletividade que aprendeu a cuidar, mesmo quando ninguém pediu.







A vida de Joice e seus mil resgates felinos

Agosto de 2025

Joice Rodrigues não planejou ser protetora de animais. Ela mesmo admite, com um riso tímido: “No começo, eu nem gostava de gato.” O amor veio de forma inesperada, através de um namorado que, anos atrás, resgatou filhotes em um sítio da família. Desde então, algo mudou. Aquele primeiro contato virou um laço profundo, e o que começou como curiosidade virou missão de vida.

Hoje, oito anos depois, Joice já ajudou a resgatar mais de mil gatos. Trabalha o dia inteiro, mas nas horas vagas se transforma em anjo dos felinos esquecidos. Seu lar, simples e cheio de miados, é abrigo e hospital improvisado. Ali, ela acolhe os que mais precisam: queimados, feridos, doentes, rejeitados.



Entre suas histórias mais marcantes está Jimmy, resgatado em 2022 com queimaduras de óleo quente na garganta. “Ele chegou tão machucado que eu achei que não fosse resistir. Hoje está ótimo, é o meu xodó”, conta, enquanto acaricia o pescoço do gato, agora coberto de pelos claros e olhar tranquilo.

Outra de seus resgates foi Geleia, uma gatinha preta encontrada na rua com três filhotes, o quarto havia morrido antes que o socorro chegasse. Eles estavam com fungo, desnutridos e assustados. Joice os acolheu e cuidou com medicamentos e a família esperava para que pudessem estar prontos para a adoção.

Ela conta que tenta resgatar um gato por vez, por falta de lar temporário. Muitos chegam com FIV (que é uma doença viral que diminui a imunidade dos felinos, causada pelo vírus da imunodeficiência felina), ou outras doenças





contagiosas, e precisam de isolamento. “É difícil, porque eu quero ajudar todos, mas não dá. E isso dói. Você se apega, sofre, chora. E não tem retorno financeiro, pelo contrário, a gente gasta o que não tem.” Uma castração custa em média R\$100,00, e mesmo com ajuda de uma veterinária parceira, cada novo resgate é uma conta a mais.

Para conseguir apoio, Joice usa as redes sociais. Pelo Instagram, divulga histórias, pede doações e organiza campanhas para adoção. Mas a desconfiança é constante: “Já teve gente que pegou ração das doações pra vender. Desde então, fico esperta.”

A adoção dos seus gatinhos segue um processo rigoroso. Antes de entregar um animal, ela faz um questionário: pergunta se a casa é telada, se o tutor entende a responsabilidade, se está preparado para o compromisso. “Todos saem castrados e saudáveis. E, se eu sinto que a pessoa não é certa, não entrego.”



Joice admite que prefere resgatar mães com filhotes, porque acredita que “gato é igual gente, cada um tem sua personalidade”. E, quando vê um deles sarado, seguro, numa casa cheia de amor, ela sorri e diz, com os olhos marejados: “Depois que você vê um gatinho sarado, em uma família, não tem preço.”







O pequeno rei da casa: a história de Simba



O pequeno rei da casa: a história de Simba

Agosto de 2025

Foi em um grupo de adoção no Facebook que Leticia Delagostini, especialista de pricing, viu pela primeira vez, a foto que mudaria sua vida. Um filhote pequenininho, com olhar curioso e uma pontinha de esperança. "A primeira vez que eu vi a fotinha dele no post, eu pensei, ele tinha cara do Simba do Rei Leão. Eu falei que ele era meu e que ele ia chamar Simba", lembra.

Simba vivia nas ruas, comendo o que encontrava junto da mãe. Quando foi resgatado, o corpo estava coberto de carrapatos, quarenta, talvez mais. Mesmo assim, abanava o rabinho, ou o que havia dele: um pompom redondo, marca de uma má formação de nascença que hoje é seu charme.



A moça que o resgatou não podia ficar com ele, já tinha outros animais. Foi quando o destino cruzou o caminho de Leticia. Ela estava prestes a se mudar para Ribeirão Preto, e decidiu que o novo capítulo da vida viria acompanhado daquele olhar. Logo vieram os cuidados: banho, remédios, veterinário, exames. O diagnóstico trouxe alívio, Simba estava saudável!

Hoje, o cachorro que um dia vasculhava o lixo, dorme em cama macia e acorda com o cheiro de ração fresca. O rabinho pompom virou símbolo do recomeço, um lembrete de que o que falta em aparência sobra em alegria. Com seu jeito agitado, Simba não tirava o sorriso do rosto durante a sessão de fotos, pulando do chão para o sofá, esbanjando diversão. Simba virou mais que um cachorro: virou família, virou lar.







Queridos Olhares: histórias de amor e esperança em uma feira de adoção

Agosto de 2025

Entre latidos, sorrisos e olhares que parecem pedir apenas uma chance, o pátio de um pet shop, no Jardim Nova Aliança, se transformou, por algumas horas, em um cenário de recomeços. A cada abraço, um novo vínculo nascia. Entre os tantos cães que aguardavam um lar, um par de olhos curiosos chamava atenção: era a Belinha, uma filhote de pelagem escura e olhar brilhante, que cativava todos que passavam.

Ela não precisou esperar muito. Uma funcionária da própria loja, tocada pela doçura da cadelinha, decidiu adotá-la ali mesmo. O momento foi seguido de sorrisos largos e um alívio silencioso, o tipo de emoção que só quem já viu o abandono de perto consegue compreender.





Enquanto as crianças brincavam com os animais, os voluntários circulavam atentos. São pessoas que oferecem tempo, cuidado e, muitas vezes, o próprio coração. “A gente tenta dar uma segunda vida, a gente faz o que pode para ajudar”, diz José Luiz de Moraes, diretor da ONG responsável pela feira.

Acompanhada por ele, visitei um dos espaços da Ong Paraíso dos Pets. Uma casa simples, mas cheia de vida, talvez o maior número de cães que já vi reunido.

Alguns carregam marcas visíveis: deficiências, traumas, velhice precoce. Outros pulam e abanam o rabo com a alegria de quem já esqueceu a dor. Descobri que ali, quando um animal passa por várias feiras e não é adotado, ele ganha algo mais valioso que um novo lar: pertencimento. A ONG se torna sua casa definitiva.





Entre os muitos moradores está Duque, um cão grande e imponente, resgatado nas matas do Ribeirão Verde. “Ele provavelmente não foi adotado por causa do tamanho”, conta José, sorrindo. “Toda vez que vou colocar ração, ele não deixa até receber o tanto de abraços que quer.” Hoje, Duque é o símbolo do amor incondicional que habita o abrigo.

Há também a Duquesa, uma mistura de Fila, de sorriso fácil e presença marcante. É a maior cachorra do local e parece ter o dom de amolecer qualquer coração, especialmente o do próprio José, que recebe seu carinho diário como quem ganha um prêmio.





O trabalho da ONG é feito de rotina, mas também de milagre. Eles resgatam, medicam, cuidam e promovem feiras de adoção. Há um espaço dedicado apenas aos cuidados médicos, onde os cães em tratamento aguardam pacientemente a melhora. E quando o abrigo se enche de cães caramelos, símbolo brasileiro do afeto e da resistência, eles organizam a “Feira dos Caramelos”, uma celebração daquilo que o olhar muitas vezes ignora, mas o coração reconhece de imediato.



As redes sociais e os grupos de WhatsApp ajudam a espalhar as histórias, multiplicando as chances de adoção. Mas ali, naquele dia, entre o cheiro de ração e o barulho dos animais brincando, o que mais se sentia era o amor. Amor simples, direto, sem vaidades, o tipo de amor que não se explica, apenas se devolve.

Belinha agora tem um lar. Duque e Duquesa continuam a acolher novos companheiros. E os voluntários seguem firmes, transformando descaso em cuidado, abandono em afeto, e dor em história.





Ana Clara Parpinelli

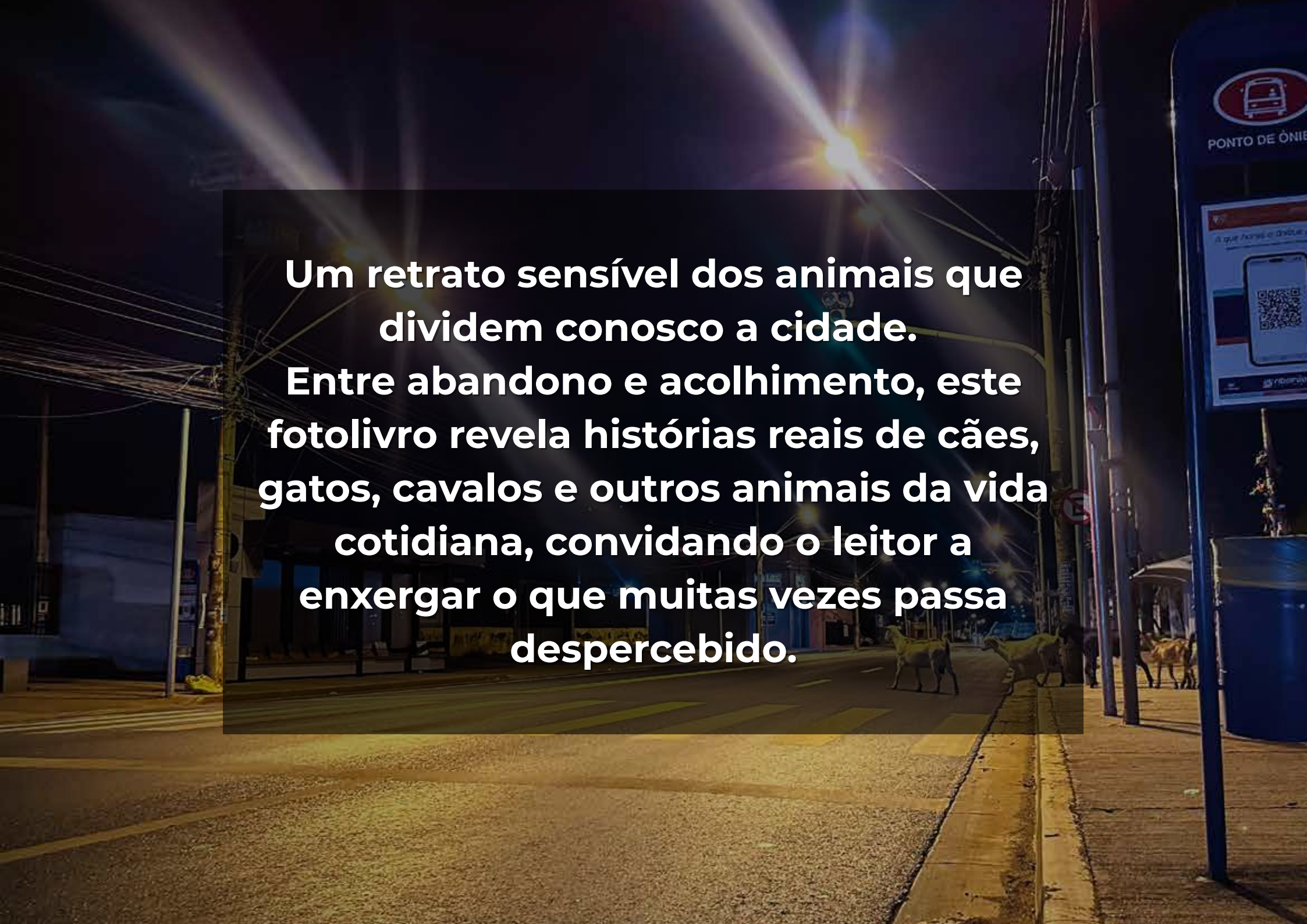
Autora



Ana Clara Parpinelli é jornalista e fotógrafa em formação pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp). Movida por um olhar atento às narrativas invisíveis da cidade, desenvolveu ao longo de sua trajetória acadêmica um profundo interesse pelas relações entre jornalismo, sociedade e a vida animal nos espaços urbanos.

Sua motivação surgiu pelos seus amigos Kyra e Astor, dois cachorros da raça Boiadeiro Australiano que foram adotados em situações de maus tratos, e também por sua égua Princesa, uma Mangalarga tordilha.

Impulsionada por inquietações sociais e pelo desejo de dar visibilidade a temas invisibilizados, ela acredita que imagens também podem ser pontes para reflexão, empatia e mudança.



Um retrato sensível dos animais que dividem conosco a cidade. Entre abandono e acolhimento, este fotolivro revela histórias reais de cães, gatos, cavalos e outros animais da vida cotidiana, convidando o leitor a enxergar o que muitas vezes passa despercebido.